

revista das ideias

UM GRANDE LIVRO DE PSICOLOGIA CONCRETA

por GEORGES FRIEDMANN

O tomo VIII da *Enciclopédia francesa*, que estuda, como o seu título o diz, «a vida mental da infância até à velhice», marca uma etapa da psicologia científica na França. Para o apreciarmos melhor, abramos um manual de psicologia de tipo corrente. O autor, seja qual for o ponto de vista em que se coloque, julga-se obrigado a abordar imediatamente «problemas gerais», como consciência, atenção, personalidade, classificação dos factos psicológicos: problemas que, examinados de perto, deixam aparecer a sua grande complexidade e supõem já constituída toda uma psicologia científica. No entanto, o autor julga poder aventurar-se neles dum golpe e isto sob a influência mais ou menos consciente (nota-se este erro mesmo nos livros «behavioristas» ou inspirados na «Gestalttheorie») das sobrevivências do eclectismo de Victor Cousin. Para seu descargo, é preciso dizer que ele é levado a isso, senão constrangido, pelos programas de exames e concursos, em França desde o «baccalauréat» até à «licence» e mesmo à «agrégation».

Assim se explica a complacência de tantos manuais e tratados para com as distinções que agradam à estética do «plano bem feito», mas não correspondem às exigências duma ciência verdadeiramente ciosa do seu objecto. Os capítulos encontram-se simetricamente dispostos em gavetas: a «vida afectiva», compreendendo as casas do prazer e da dor, das emoções e das paixões; a «vida intelectual», onde se espontam comodamente os fenómenos da vida mental numa impressionante pirâmide que sobe das sensações até ao raciocínio; a «vida activa», enfim, conduzindo-nos também seguramente do instinto à vontade, corça e orgulho da psicologia académica.

Infelizmente, estas construções e compartimentagens não são obtidas senão à custa de realidades complexas, submetidas a acções vias e múltiplas. As investigações mais importantes, mais impregnadas de trabalhos pacientes e de experiências, de há 50 anos para cá, ultrapassaram definitivamente esse período metafísico da psicologia, tal como ele se reflete nos manuais e por vezes mesmo em certas obras com visões mais altas.

Não se trata aqui de estudar, em detalhes técnicos, a bela realização que o Dr. Henri Wallon dirigiu ou de indicar todas as contribuições dos seus colaboradores. Eis sob que perspectivas principais éle se

esforçou para captar a vida mental.

Palavras tais como «atenção» ou «imaginação», *virtudes dormitivas* dos nossos psicólogos, não servem mais aqui para cobrir entidades, para compartimentar abstractamente e arbitrariamente a vida psicológica. Esta é estudada desde as suas manifestações mais humildes, as mais obscuras—desde o psiquismo do feto—até ao seu declínio e ao seu fim; desde o nascimento até à velhice e à morte. Tal é o primeiro ponto de vista fundamental a partir do qual foi concebido o plano do volume.

Segundo ponto de vista: a actividade mental encontra-se estritamente ligada às circunstâncias em que se exerce, aos objectos a que se aplica. O homem é estudado no seu meio, na família (1), na escola, na profissão.

Mas os modernos trabalhos mostraram todas as incidências, sobre a psicologia normal, do estudo das formas patológicas. E' através das nevroses sexuais que melhor se podem compreender certos caracteres da vida sexual normal (D. Lagache); é estudando as perturbações da linguagem que se pode determinar mais seguramente o papel e o mecanismo dos símbolos no conhecimento (A. Ombredane). Daí um terceiro ponto de vista fundamental: ao estudo de cada actividade psicológica encontra-se ligado, aqui, exame das suas formas anormais. Concebe-se todo o interesse desta justaposição original, justificada pela continuidade muitas vezes notada entre o normal e o patológico, tão útil para a investigação como luminosa para a exposição das suas operações e resultados.

A psicologia, como as outras ciências do homem, é jovem. Em muitos sectores importantes, as investigações experimentais faltam ainda, ou são apenas acariadas. Este plano, concebido em profundidade, sem complacências, não esconde as lacunas, auxilia a compreender a ciência em mo-

(1) A secção consagrada à família é apresentada pelo Dr. J. H. Lacan em artigos densos onde o romantismo freudiano não é talvez sempre bastante controlado, mas cheios de sínteses originais e que justificariam uma análise particular.

vimento, as suas investigações tanto como as suas interrogações, precisamente porque nasceu delas em vez de se lhes impor de fóra.

A introdução geral do volume faz-nos tomar contacto com os diversos métodos de que a psicologia dispõe e examina a eficácia deles. Assim encontramos claramente exposta pelo Dr. Wallon a oposição entre a psicologia da introspecção, que se fia no olhar interior da consciência, e a psicologia concreta, que não quer conhecer senão actos motores ou mentais, espontâneos ou provocados, e reivindica altamente a legitimidade da medida numérica em psicologia. Precisamente a psicotécnica, como o mostra enérgicamente Henri Pieron, provou o valor científico e prático das medidas numéricas explorando por meio dos testes as funções gerais de memória, de atenção, de inteligência, e suas variedades. Foi ela ainda que pondo em evidência «diferenças individuais», justificou a psicologia concreta pelo facto de ela se não ocupar do homem em geral, mas dos homens. No fim desta introdução, depois dum resumo, feito pelo próprio Pierre Janet, da «psicologia das condutas», Lucien Febvre estuda as relações entre a psicologia e a história e mostra as modalidades da sua necessária colaboração: traço característico da grande obra que éle dirige e cujo espírito enciclopédico reage vigorosamente contra uma separação prejudicial entre os diversos domínios da ciência.

A primeira parte abre-se sobre as etapas do desenvolvimento psíquico, desde o embrião até à maturação do sistema nervoso mais evoluído, até à representação e ao conhecimento intelectual (2). E' na importante secção consagrada aos começos da sociabilidade que, por uma sugestiva inovação, se encontra co-

(2) Nesta parte, a contribuição de Senis Verhulst, professor da Universidade de Liège, sobre as reacções sensitivo-motrices nos animais é particularmente importante: os trabalhos de Verhulst estão entre aqueles que renovaram o problema do instinto e da inteligência nos animais, tendo ultrapassado definitivamente, neste domínio, a intuição e o emaravilhoso.

locado o estudo das emoções. Não é certo que elas desempenham um papel capital na vida social da qual são uma das indispensáveis condições? O Dr. Wallon situa as emoções entre o automatismo e a actividade intelectual; numa página profunda, mostra que as contradições, manifestadas pelos autores que propozeram teorias da emoção, exprimem elas também uma realidade contraditória. Uma explicação verdadeiramente científica não deve temer estas posições, o que deve é partir delas, fim de descobrir o fundo complexo e movente do real.

Prolongando à parte das emoções e da sua patologia, o estudo das sociedades animais (M. Prenant) permite-nos compreender o início da sociabilidade e sua evolução para o estado humano. E' verdade que não é possível ver no agrupamento que se observa em certas espécies de animais, o resultado duma vontade mais ou menos lúcida ou ainda a sobreposição, a consciências individuais, duma espécie de consciência colectiva. E' quasi supérfluo lembrar que as traduções, à Maeterlinck, da vida das abelhas ou das formigas, são estranhas a uma compreensão científica das condutas animais. O próprio Bergson, quando proclama que «a natureza se preocupa mais com a sociedade do que com o individuo», arrisca uma afirmação a respeito da qual as investigações experimentais pouco deixaram de pé. Em sentido oposto, será preciso chegarmos até admitirmos, com Etienne Rabaud que, numa sociedade animal, os individuos trabalham como se cada um se encontrasse isolado, sendo os seus trabalhos apenas contíguos? M. Prenant recusa-se a tomar esta atitude toda negativa a respeito das sociedades animais: porque não pode contestar-se que as reacções psíquicas dos animais dependem ao mesmo tempo deles próprios e do seu meio: não será portanto possível desprezar a influência especial, incessante, que exerce sobre eles o ambiente da colmeia ou do formigueiro.

Se quizermos definir as relações entre sociedades animais e sociedades humanas, graves dificuldades se apresentam. Com efeito, nas sociedades animais, por exemplo nas das cabras-montezes, das renas ou nas das aves chamadas «manchots» (que são as mais complexas entre as sociedades de animais), a estrutura social é manifestamente con-

(Continua na página imediata)